

*Discurso na solenidade de lançamento do  
Programa Estadual de Desestatização e  
Parceria com a Iniciativa Privada*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 9 DE OUTUBRO DE 1995

*Senhor Governador de São Paulo e meu amigo, Mário Covas, Dona Lila; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhor Vice-Governador, Geraldo Alckmin Filho; Senhor Presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Ricardo Trípoli; Senhor Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador José Alberto Andrade; Senhores Governadores aqui presentes, Marcello Alencar e Neudo Ribeiro Campos, do Rio de Janeiro e de Roraima; Senhores Parlamentares; Senhor Prefeito de São Paulo, Dr. Paulo Maluf; Senhoras e Senhores parceiros de São Paulo;*

Para mim, como cidadão, como paulista de adoção, como ex-Senador por este estado, como Presidente da República, como eleitor de Mário Covas, como companheiro de tantos que aqui estão, é uma grande honra poder assistir a este ato pelo qual se demonstra que nós, efetivamente, podemos o Brasil.

Pode parecer pretensão uma afirmação tão forte, mas ela é verdadeira. O Brasil é hoje um outro país, um país que tem auto-estima, um país confiante, um país que sabe que aqueles que estão à frente dos Governos, *amplo sensu*, estaduais, municipais, da República – e não só os

principais personagens, mas um conjunto grande de pessoas – têm hoje uma nova mentalidade.

Isso se reflete a cada instante. Ainda hoje, no trajeto de Brasília para São Paulo, juntamente com o Ministro Interino da Fazenda, Dr. Pedro Parente, nós observávamos uma série de dados que nos foram fornecidos por instituições privadas. Não é preciso palavras, basta ler aqueles dados, basta ver os gráficos, para ver o que aconteceu no Brasil nesses últimos anos.

E aqueles que ainda descrêem, ou que ainda põem dúvidas, que olhem os dados mais difíceis sobre retomada do crescimento, emprego, equilíbrio fiscal, ajuste fiscal e verão que o Brasil de hoje não tem nada a ver com o Brasil de muitos anos atrás, ou até proximamente a nós.

Nós realizamos muitas transformações neste país. A principal, a mais visível é, naturalmente, o Plano Real; é, naturalmente, a estabilização monetária. Mas, para que a estabilização monetária fosse conseguida, era preciso que antes tivesse havido uma vontade política, que não foi do Presidente só – do Presidente Itamar Franco, nem do atual –, que foi do País, que se cansou. E não se cansou apenas do delírio inflacionário: cansou-se também da roubalheira, da falta de compostura, da indecência nos negócios públicos. Sem que houvesse uma recuperação da decência, da credibilidade, teria sido impossível pedir a esse povo que acreditasse e que se sacrificasse, como se sacrificou.

Mas os governos estão fazendo a sua parte. Eu me referi aqui ao ajuste fiscal. Vejam os dados e vão verificar como se recompôs a receita; vejam os dados e vão verificar a luta para o controle da despesa. E, ainda agora, na reforma administrativa, tenho o apoio de todos os Governadores do Brasil, pois sabemos que precisamos controlar o gasto. Porque não basta aumentar impostos; o País cansou de pagar impostos. Que paguem os que sonégam, mas não mais aqueles que estão pagando, controlando os gastos. E vamos dar a devida responsabilidade e consideração ao funcionário, que merece toda a nossa consideração. Nós não podemos conviver com o encastelamento de privilégios e com a soma de vantagens, que são feitos às expensas da maioria do povo.

É este o novo Brasil, que nós estamos encontrando aqui, hoje, em São Paulo. É este o novo Brasil, que, como disse o Vice-Governador, encontrou na vontade firme do Governador de São Paulo a disposição efetiva de enfrentar os problemas, com muita coragem. Porque não é fácil. Não é fácil encontrar o estado em condição de penúria nas suas contas públicas e ter de dispensar pessoas, muitas vezes caras a todos nós. Mas fazê-lo com tenacidade e sem demagogia. E, a despeito do imenso esforço que isso requer, encontrou tempo e energia para propor um plano de crescimento econômico no setor público, que não viesse a onerar mais ainda este povo, senão que, pela via da parceria, pela via da concessão do serviço público, pela via do investimento privado, encontrou caminhos para que São Paulo volte a ser o que sempre foi: o estado que ajuda o Brasil, crescendo ele próprio. Porque, quando cresce São Paulo, cresce o Brasil todo.

É esse o caminho que está aqui descrito, através desse conjunto de modalidades de parceria entre o setor privado e o setor público. Eu sou, sim, parceiro de São Paulo, não porque tenho as minhas ligações profundas com São Paulo, mas, como Presidente da República, sei também que nada se fará sem que haja parcerias entre governos estaduais e o Governo da República. Aqui há Governadores que sabem que o que digo é o que penso, porque faço no Rio como faço em Roraima também. Como lá em Roraima a BR-174 está sendo feita e como vou fazer a energia do Guri chegar até Boa Vista e até Manaus. Porque nós estamos fazendo isso em todo o Brasil. E não é o Governo da República sozinho. O Governo da República não tem condições – nem é moderno isso – de assumir responsabilidades de que mais propriamente o município ou o estado são capazes. Para quê?

Dr. Guedes mostrou aqui os planos dos estados em relação à saúde. Pois bem, cabe ao Governo da República transferir recursos, dar normas e fiscalizar, mas não executar. Essa época já acabou, época em que o Governo Federal fazia obrinhas aqui e ali, com imenso desperdício, com a finalidade quase exclusiva de corromper via clientelismo, de obter apoio que hoje nós obtemos de outra maneira, pelo convencimento, pela adesão e não pela tibieza daqueles que, por repasse, recebem algo e

dão em troca um apoio, apoio que dessa maneira vem apodrecido e não vem com o sentimento vivo de quem acredita no País.

Vamos fazer em parceria: parceria com o Governo de São Paulo, parceria do Governo de São Paulo com o setor privado, através das associações, sem medo, sempre com mira no interesse público, como é o caso de Mário Covas, como é o caso de São Paulo – sem medo, sem receio de pedir apoio ao setor privado e de que o setor privado receba uma remuneração justa dos riscos que corre.

Realmente me alegro muito e gostei de ouvir o Governador de São Paulo, porque essa lei, eu levei quatro anos lutando quase sozinho para que pudesse ser aprovada. Encontrei apoio de alguns, depois, da Câmara; e, com muita dificuldade, foi preciso eu ser Ministro da Fazenda e Presidente da República, para arrancá-la quase que a fórceps – e com o apoio do Governo de São Paulo –, no momento final, uma lei que era óbvia, que era necessária para o Brasil. Está aí a lei, e com esta lei nós hoje temos um instrumento poderosíssimo para fazer com que haja uma confluência de interesses privados e interesses públicos em benefício do povo do nosso país.

Com esse novo espírito, teria que ter aqui em São Paulo, como tem, o seu local mais adequado para crescer e se multiplicar. São Paulo é hoje o que é porque teve capacidade de empreendimento a cidade de São Paulo, que no século passado era uma cidade pobre, que competia com Campinas. Campinas enriqueceu bastante também nos últimos tempos, mas era uma cidade de muito poucos recursos. Como historiadores, eu próprio, não tentamos esclarecer por que São Paulo. Há muitos fatores de porque São Paulo, mas há um que não deve ser esquecido: é que aqui se empreende, aqui houve gente que ousou, aqui houve gente que, num dado momento, como o Brasil era escravocrata, rompeu com a escravidão. Eram fazendeiros, sim, mas queriam o trabalho livre, inovaram, trouxeram colonos de fora, criaram condições novas de trabalho, porque perceberam que o molde antigo era insuficiente para dar vazão àquele ímpeto imenso de um país que necessitava de mais empreendimentos.

Agora, igual, agora, igual, disse bem o Governador Mário Covas, é um outro momento, um momento em que precisamos de Estados dife-

rentes. Não é de um Estado sufocando, não é de um Estado onisciente, porque ele não é onisciente, mas é de um Estado afinado com o sentimento do País, de um Estado menos burocrático, porque a burocracia às vezes incha e em vez de resolver, perturba; e que sabe também que hoje a racionalidade depende de um ritmo contínuo de interação entre o setor privado e o setor público, e sempre orientado pelo bem comum, sempre orientado pelo interesse da maioria dos cidadãos.

Um Estado que não é pretensioso, um Estado que se abre à sociedade, um Estado que faz conselhos e que acolhe a influência daqueles que não são parte do Estado; e, repito, com um Governador que não se deixa influenciar sequer pela paixão partidária, porque sabe que acima de tudo está o Brasil e que o Brasil é uma expressão, um modo de dizer dos brasileiros no seu conjunto, daqueles que formam o Brasil e que, como brasileiros, nós decidimos, e não por razões sectárias, nem para dar vantagem para esse ou aquele grupo, nem para proteger corporação de qualquer espécie, senão por um espírito de crença e de generosidade.

Ora, se São Paulo foi São Paulo porque soube empreender, se São Paulo sacudiu aquela enorme, pesada estrutura da escravidão, dando os exemplos de como foi possível criar uma força política a partir do crescimento econômico contra as estruturas antigas, São Paulo agora tem que estar junto com os demais estados nessa mesma empreitada, mudando o Brasil.

Nós estamos mudando o Brasil. Não por pretensão nossa, não porque sejamos governantes melhores do que os do passado ou do presente, mas porque esse povo mudou. E o fato de esse povo ter mudado é que dá hoje o seu horizonte, essas perspectivas extraordinárias. E eu tenho certeza, absoluta certeza, de que o que nós vimos hoje em mapas vamos ver, em pouco tempo, em canteiros de obras. E aqueles, os adeptos, como eu digo sempre, da fracassomania, que ainda vêm recessão e desemprego em toda parte, terão de calar suas bocas e terão de ver que o que existe aqui são governos sérios, governos que não hesitam em tomar medidas, ainda que duras, ainda que muitas vezes prejudiquem até a nós próprios quanto à imagem e quanto ao que nós queremos fazer de imediato para o bem do País. Para o País, sempre, o bem tem

que ser duradouro, porque um bem imediato, que amanhã é tragado pela impossibilidade da sua consecução, não é um bem, é um mal.

Nós estamos buscando, todos nós, em todos nós, manter um ritmo constante de progresso. E aqui, neste Estado, neste Estado do empresariado, mais preciso do Brasil, neste Estado em que nós temos uma indústria da qual nos orgulhamos, neste Estado também temos hoje uma administração da qual o Brasil se orgulha. E é a essa aliança, a essa parceria que me junto, ainda mais aqui representada pelo time de remadores do rio Tietê – suponho que o Governador Mário Covas por lá remou, porque eu não tive, nunca, competência para tanto. Este estado, que tem essa força imensa, hoje o Brasil todo vê não com inveja, não com temor, mas como um estado que, por ser o mais rico, é também o mais compreensivo.

Por isso, quando o Presidente da República, que é paulista, se lança muito mais pelo Brasil afora, dando às vezes a impressão até de que se esqueceu daqui, este Estado sabe que nem o Presidente se esqueceu dele e que o Brasil inteiro, hoje, tem orgulho dos paulistas. Paulista é brasileiro, e, como brasileiro, como paulista, como o Presidente da República, como antigo eleitor de São Paulo, eu me sinto, Governador, seu parceiro. Conte comigo.